

O QUE FAZÍAMOS EM MAIO DE 1968 NO BRASIL. ENTREVISTA COM MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES

Maria Lygia Quartin de Moraes é socióloga, formada em Ciências Sociais pela USP (1966), com pós-graduação na França e no Chile (1970-74), durante o período em que esteve exilada devido a seu envolvimento político na luta contra a ditadura militar. Doutorou-se em Ciência Política pela USP (1982) e defendeu sua livre-docência na Unicamp (1997) e se tornou professora titular em 2004. Especialista em sociologia clássica e em movimentos sociais, direitos humanos e memória política no período de 1964 a 1982; publicou livros, capítulos de livros e artigos no país e no exterior. Atualmente, é professora titular de Sociologia da Unicamp e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. A entrevista foi realizada por Renata Gonçalves¹ e Carolina Branco² no apartamento da autora, em São Paulo, na tarde de 01 de setembro de 2007.

¹ Professora do Depto. de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

² Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas.

Renata Gonçalves: Onde você estava e o que estava fazendo em 68?

Maria Lygia – Para mim, 1968 foi o ano das revoluções. Contra a família repressiva; contra a universidade conservadora; contra o imperialismo norte-americano, contra as burocracias políticas e contra as ditaduras militares. A favor da liberdade dos povos, da liberação sexual, da paz no Vietnã e do socialismo libertário. 1968 tem a marca da juventude e da cultura urbana, pois ocorre, simultaneamente, em várias capitais do mundo ocidental. 1968 é o ano em que os jovens emergiram como força de contestação, como vanguarda política. 1968, na Europa, vai das barricadas de Paris à primavera de Praga. Nos Estados Unidos da América tem as poderosas revoltas estudantis contra a guerra do Vietnã e pelos direitos civis das mulheres e dos negros. A universidade de Berkeley na Califórnia é o *campus* emblemático. Na América Latina, temos o massacre dos 500 estudantes na Plaza de Tlatelolco no México, a tomada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na rua Maria Antônia e a manifestação dos 100 mil no Rio de Janeiro. 1968 é, antes de mais nada, o ano em que os jovens emergiram como força de contestação, como vanguarda política.

Em 1968 eu já estava fazendo a pós-graduação em ciência política na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que ficava na Rua Maria Antônia. Estive de corpo presente em muitos dos acontecimentos ligados à Maria Antônia. Podemos começar pela luta pela direção paritária da Universidade. Como se sabe, vigorava o antigo regime das cátedras e do total poder dos colegiados dos professores catedráticos. Os estudantes, com apoio dos jovens professores radicais, tomaram a faculdade, exigiam e obtiveram a paridade em alguns departamentos, como no caso das Ciências Sociais e da Filosofia. É engraçado lembrar que nesse mesmo ano e nesse clima revolucionário fica vaga a cátedra de política por morte do seu então ocupante Lourival Gomes. E quem vem disputá-la apesar da viva oposição dos estudantes? Fernando Henrique Cardoso, que sempre teve horror de 68. Ele era um anti-68.

Ele chegou aqui em 68, estávamos organizando os comitês para discutir as paritárias, e ele chegou para disputar uma cátedra de política. Essa história é reveladora. Nós estávamos lutando contra a cátedra, contra o velho sistema. Oportunista, Fernando Henrique aliou-se ao setor conservador das ciências sociais. Eu me lembro perfeitamente da defesa de tese dele, nós fomos protestar, estudantes e professores jovens. Muitos de nós tínhamos um status intermediário, pois ainda não tínhamos sido contratados formalmente. Qual era nosso status? Nós já

tínhamos nos formado, já éramos sociólogos, e fazíamos um curso chamado pós-graduação. Era outro sistema, a gente entrava direto no doutorado e levava oito anos para acabar. Fazia um curso de pós-graduação *strito sensu* sem tese. Era o sistema francês, depois é que se instaurou o sistema americano, na ditadura.

Assim, nós, estudantes da Pós-Graduação e bolsistas da FAPESP éramos uma espécie de mão-de-obra escrava do departamento, no qual você fazia pesquisa e, futuramente, seria professor. Nós éramos os “instrutores voluntários”. Assim, em 1968, apesar de recentemente graduada, fui obrigada a dar aulas para o primeiro ano de Ciências Sociais. Não estava preparada, foi um dos maiores traumas da minha vida. A nossa situação era muito delicada porque caso você fosse contra os professores catedráticos poria em risco sua carreira acadêmica. Naquele tempo nós tínhamos aquela vocação radical tão ligada aos estudantes. Outros que faziam esse papel também eram os irmãos Sader, o Emir e o Eder, eram nossos colegas. Tinha os irmãos Sader, os Quartim, a Helena Hirata, enfim é dessas pessoas que me lembro de intervirem. Poucas mulheres discursavam fora as lideranças, mas eu me lembro especialmente de Helena Hirata.

Em 68 eu já tinha saído do Partido Comunista Brasileiro (PCB) fazia tempo. Mas, meu marido Norberto Nehring, que se formara em economia e era professor de História Econômica na USP, continuou no PCB por mais tempo só saindo com o grupo de Marighella, que foi o núcleo criador da Ação Libertadora Nacional (ALN)³. Eu tinha me afastado da militância política, mas entrei na ALN em 1966. O meu irmão João Quartim de Moraes era um excelente aluno de filosofia, então ganhou uma bolsa do governo francês. Na França, ele entrou em contato com brizolistas que já tinham tentado a resistência armada e quando voltou ao Brasil começou a militância clandestina. Como ele nunca tinha entrado no PCB, por exemplo, ele foi um dos militantes que se ligaram à Política Operária (POLOP)⁴ e formaram a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), que era um encontro da POLOP e dos militares de origem popular que tinham feito treinamento em Cuba.

³ A Ação Libertadora Nacional (ALN) foi uma organização revolucionária comunista brasileira de oposição ao regime militar. Ela surgiu no fim de 1967, com a expulsão de Carlos Marighella do Partido Comunista do Brasil (ex-PCB).

⁴ A Política Operária (POLOP) foi uma organização brasileira de esquerda, contrária à linha do Partido Comunista Brasileiro, que lutou contra a ditadura militar e que deu origem a várias outras organizações.

Tinha o bloco que entrava para a luta armada através, digamos, de relações privilegiadas com Cuba. Havia todo um esquema institucionalizado de subversão tendo Cuba como centro irradiador. E Cuba reconheceu como seu interlocutor, no Brasil, a ALN que tinha rompido com o Partido Comunista, não obstante em Cuba o partido oficial ser o comunista. Dado o fato de que Marighella tinha aderido às teses da guerra de guerrilhas na reunião de 1966 da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), a ALN era a única organização que tinha uma relação direta com Cuba, e dela saíam todas as pessoas que fizeram treinamento lá.

Boa parte dos militantes egressos do PCB tinha alguma formação teórica marxista, assim como os oriundos da organização Política Operária (POLOP), de tendência trotskista. Mas muitos dos mais jovens não tinham formação, vinham entusiasmados, com aquele ímpeto juvenil e não tinham uma militância anterior na legalidade. Porque o PCB em 64 era quase legal, os comunistas eram identificados entre alunos e professores. Eu pertencia a esse grupo de esquerda, de origem comunista, que fazia crítica ao conformismo e à apatia do partido. Eu acho que entre as diferenças que temos com relação a 68, a primeira é o fato dos jovens se pensarem como vanguarda revolucionária. Agora, quem é que teorizou isso? Quem era o intelectual que já dizia que a revolução, que a vanguarda revolucionária, que as forças revolucionárias não vinham mais da classe operária? Foi Herbert Marcuse. O Marcuse foi o único que teve uma experiência de militância mesmo, diferentemente do Adorno.

O Marcuse sempre foi um intelectual militante, ele tinha toda uma história de militância numa época radical na Alemanha, e mais a experiência do nazismo, do horror. Enfim, esse é um europeu que conheceu aquela classe operária da qual Marx falava. Vai para os EUA e encontra lá um capitalismo florescente, justamente na consolidação da hegemonia capitalista que se dá na Segunda Guerra Mundial. Os americanos saem invencíveis, imbatíveis, território que ninguém mexeu. A economia prospera, pois sua indústria bélica saiu enormemente fortalecida, sem se falar das bombas atômicas. Eu acho que a diferença entre os EUA e o Brasil, é que lá você tinha uma sociedade de abundância. Aqui nunca existiu essa abundância, um Estado de bem-estar social. Nos EUA, as camadas que se opuseram não o fizeram porque fossem diretamente exploradas e oprimidas, e essa é a teoria do Marcuse. Ele tem aquela idéia de que a sociedade vai ficando cada vez mais unidimensional, subjugada subjetivamente pelo capitalismo. Marcuse aponta para o fato de que a repressão sexual não era indispensável para a dominação capitalista. Na verdade, nos Estados Unidos assistia-se a uma espécie de “dessublimação repressiva”, vale

dizer, ao invés de um processo de sublimação que redundasse em criações culturais ou artísticas, tínhamos uma liberação dos costumes que não libertava nenhuma energia criadora.

Assim, vivemos numa sociedade aparentemente libertária, na qual você pode ver shows e pornografia na televisão, você pode e deve consumir, cada vez mais. Você pode fazer tudo que aumente os lucros e mantenha funcionando esta sociedade maravilhosa, a sociedade consumista. Foi a geração de Marcuse a primeira que percebeu, quer dizer, que não viu como progresso ou maravilha o impacto da Walt Disney, da indústria da diversão, da indústria cultural. Eles foram, no seio da esquerda, os que fizeram a crítica da cultura, e boa parte da importância e da novidade da questão jovem é o fato de ter uma dimensão muito radical. Isso eu chamo de uma manifestação super estrutural, quer dizer, aquilo que estava doendo na juventude era o desacordo com o projeto de vida, o desacordo com a sociedade consumista, a vontade de ter uma causa, de criticar. É o período da contestação. Até sessenta e pouco na Inglaterra o castigo corporal era legal nas escolas. Havia nestas manifestações de 68 uma posição antiautoritária muito forte. Na França, por exemplo, havia aquela rigidez francesa, os critérios para você subir na vida, a repressão sexual.

Mudando o contexto, a coisa no Brasil tem uma dimensão especial por conta da ditadura militar. A partir dela o país se modernizou de uma forma autoritária, mas se modernizou. O equívoco de muitos da esquerda, logo em seguida ao golpe, foi não entender quais eram as forças, que interesses representavam esse golpe. Era achar, pela retórica de direita, que eram forças atrasadas. Acreditava-se que era uma volta à escravidão, ao nordeste atrasado, com a agricultura caindo aos pedaços, com figuras autoritárias. A impressão é que isso ia voltar, mas não foi isso o que aconteceu. Houve um compromisso com as elites da parte mais atrasada da economia, mas, no geral, o capitalismo brasileiro deu uma chacoalhada, um processo de concentração fortíssimo, o país não tinha sistema financeiro. É em 64 que se instaura um sistema financeiro nacional.

Então foi de fato uma modernização conservadora, com caráter conservador. E é isso que eu acho que vai ser o ponto fraco da ditadura. Porque uma vez a oposição esmagada, a ferro e fogo, a base de torturas, esmagado o “perigo”, foi difícil convencer às classes dominantes que tinham que agüentar aquela carece toda. Os militares eram muito caretas, eles eram muito fechados, muito atrasados. Todas as manifestações culturais estavam sob censura.

O Brasil tem essa especificidade, mas por que nós éramos tão incômodos? Porque continuávamos defendendo o socialismo, tudo aquilo que eles queriam acabar, matar; tudo que cheirasse esquerda, comunismo, repartição de riqueza. Além do mais, éramos a vanguarda nos costumes, nós não éramos católicos, as meninas usavam pílulas. Então se você ler, por exemplo, os jornais da época, se você analisar a ocupação da Maria Antônia, no Brasil, e os primeiros atos de Maio de 68, na França, os estudantes franceses estavam na rua, enquanto nós estávamos na Praça da Sé derrubando o governador Sodré. O governador foi falar e nós tomamos o palco. Tivemos que sair correndo e berrávamos: tomada de poder! Isso foi no dia primeiro de maio de 68, antes das manifestações na França. Quem estava lá? Fora os policiais, só tinha molecada, estudantes, jovens, basicamente sem uma militância de esquerda. É só examinar quem estava no dia primeiro de maio de 68 nas manifestações, que foi fartamente fotografada. Depois, veio o endurecimento da ditadura militar, culminando com o Ato Institucional nº 5 de dezembro de 68. Daí por diante instaurou-se o terrorismo de Estado. Os aparelhos repressivos – com o apoio financeiro de grupos econômicos como os do banqueiro Gastão Vidigal, o grupo Ultra e outros – passaram a atuar clandestinamente, seqüestrando suspeitos, torturando, matando e inventando versões diferentes para as mortes (tiroteios, atropelamentos, suicídios) até chegarmos ao desaparecimento dos corpos.

O AI-5 vai entrar em vigor no final de dezembro e, na primeira semana de janeiro de 69, a polícia invade nossa casa e prende o Norberto, como suspeito de pertencer à ALN. Por que ele foi preso? Ele foi preso porque a polícia tinha várias pessoas infiltradas nas organizações revolucionárias. Um deles era o Tarcisio José Cecílio, de Marília, que fora do PCB que tinha sido preso, torturado e tornara-se informante da polícia. A ditadura estava furiosa com os atos de expropriação, ataque aos quartéis e queria rapidamente nomes para prender e tirar informações. O Norberto ia de carro a Marília e, por meio dessa informação, a polícia acabou chegando a nós... Nós percebemos quando ligaram para a casa da minha mãe. Antigamente não tinha escuta telefônica, mas eles chegaram à casa da minha mãe e perguntaram pelo Norberto. Disseram que queriam saber dele, porque havia um desastre, um negócio do carro ou um atropelamento. Nós já desconfiávamos que alguma coisa tivesse acontecido, através da chapa do carro.

E quando o Norberto foi preso, conduzido à Delegacia da Ordem Política e Social (DEOPS) no dia 7 de janeiro de 1969 e colocado numa cela junto com outros militantes da ALN, ele se deu conta que o esquema de Marília tinha caído,

como dizíamos. Naquele momento, a polícia civil ainda respeitava minimamente os presos de classe média. Assim, por exemplo, quando os policiais e o delegado foram prendê-lo em casa, exige que se identificassem. O policial se sentiu intimidado porque vivíamos numa casa confortável, com carro na porta, o Norberto era professor de economia, então tinha uma coisa de um primeiro respeito de classe. O delegado Newton Fernandes mostrou sua identificação. Eu consegui saber onde que ele estava, porque, naquele tempo, ainda as relações sociais permitiam furar o cerco das capturas policiais. O Norberto ficou preso na DEOPS, pude visitá-lo e entrar em contato direto com os delegados e nomeá-los. Foi aí que identificamos o Romeu Tuma, um dos delegados que interrogaram Norberto e que até então não tinha assumido sua condição.

Tem duas coisas, hoje, que eu acho interessante pensar a respeito desse período. Por exemplo, com relação às reações ao livro “Direito à memória e à Verdade – da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos”. Os militares publicaram recentemente (01/09/2007) uma nota reconhecendo que o Estado Brasileiro tinha a obrigação moral de publicar os resultados das comissões que apuraram as torturas, mortes e desaparecimentos dos oponentes políticos. Houve a reação do Delfim Neto dizendo que não sabia das torturas. Acho fundamental que não fiquemos apenas nos executores do terrorismo de Estado, mas que também sejam responsabilizados seus autores. Porque Delfim Netto é um dos responsáveis, um dos intelectuais disso tudo, e agora quer passar ileso. Por que ele está incomodado e tenta negar o inegável? Se a gente começar a ir a fundo nessa história, nós todos, sempre soubemos que o Delfim se reunia com os empresários para levantar grana para sustentar a OBAN. Conhecemos empresários que estiveram com ele. Claro que ele tinha a ver. Não tinha como ele não saber. Agora pior do que ele, ou tão cínico quanto o Delfim, talvez mais cínico é o Romeu Tuma, o senador Tuma.

O Tuma era diretor do DEOPS quando o Norberto foi preso e morto, ao retornar clandestino de Cuba, em meados de abril de 1970. Foi Tuma quem inventou e divulgou a notícia que Norberto se suicidara com uma gravata! Aliás, temos dois óbitos da morte de meu marido: num diz que morreu por afogamento e no outro por asfixia. Isso, poucos dias após ter entrado clandestino no Brasil, vindo de Cuba. A versão falsa é assinada por Romeu Tuma! Uma das questões que se esquece quando falamos de 68 é que primeiro, evidentemente, a ditadura tinha um apoio. Segundo, quem é que saiu lucrando com a ditadura? É só ver hoje quem que se deu bem. Terceiro, é evidente que além dos procuradores, há uma

responsabilidade muito grande dos envolvidos, gente que estava lá. É impossível o Romeu Tuma, diretor do DOPS, dizer que não sabia de nada!

Bom, voltando à questão de 68 no Brasil, houve uma dimensão muito especial, que tem a ver com a potencialidade e com as pulsões revolucionárias. Elas tinham, de um lado, todo nosso descontentamento com a família burguesa, com a coisa burguesa. Esses jovens já faziam as próprias regras de companheirismo e de casamento. Eu acho que, além da coisa política e da luta armada, o que estava em pauta, também, era a re-elaboração da vida afetiva.

Basta ver como era a repressão e como éramos apresentadas: [dizia-se] “Essas meninas transam com qualquer um! Usam camisinha!”. Quando os militares invadiram o CRUSP, que era um local onde tinha muita gente subversiva, que era subversão para eles, depois fizeram uma exposição das armas, e na exposição das armas tinham pílulas anticoncepcionais! Leia um jornal da época, você não acredita!

Eu não vou fazer uma grande genealogia, mas se você pensar, as feministas de minha geração devem muito às mães, que deram uma força para entrarmos na universidade e aos concursos públicos que permitiram que ampliássemos a presença feminina. Os novos cursos, como os de ciências sociais, permitiram uma reflexão crítica. Isso abriu espaço para a emergência de uma potência revolucionária que foi o feminismo. E quando se pega, por exemplo, o Marcuse, o que o Marcuse fala? Onde é que estão as energias revolucionárias? Estão fora do sistema, são os estudantes, são as mulheres, pois esses não sofreram uma lavagem cerebral. As suas cabeças não estão submetidas à lógica da reprodução, à ideologia do capitalismo, porque estão fora do sistema. Quem está mais fora do sistema? O Terceiro Mundo. Eu acho esse outro aspecto importante é a descoberta do Terceiro Mundo porque o Terceiro Mundo não é só a América Latina. Terceiro Mundo é o Vietnã, Terceiro Mundo é a Argélia, num contexto onde há guerras e lutas por libertação nacional. Há essa implosão fragmentada, como algo diferente, mas que basicamente, e eu acho que essa expressão “anti-sistêmica” é apropriada, entendendo que houve aí uma expressão anticapitalista, antiautoritária, antimachismo, libertária.

Então temos um ideário do mundo estudantil, uma coisa libertária, de esquerda, mas da nova esquerda. A esquerda que rompe com essa concepção atrasada de socialismo, totalmente crítica ao que acontece na URSS, que é pró-Cuba e que é basicamente guevarista. Uma constelação de forças que nos impulsionava. Podemos colocar aí o Reich, com a questão da sexualidade, o Marcuse com a teoria das novas forças revolucionárias, o guevarismo. Então são

essas as bandeiras, a constelação de valores compartilhados. Na biografia dessa tropa toda você vai encontrar Marcuse. Você vai encontrar uma coisa interessante, por exemplo, na França, que é a reabilitação do Jean Paul Sartre. Aqui no Brasil, líamos muito o Althusser. Os intelectuais liam Althusser. Em 68 eu lia o Althusser, a Juliet Mitchell lia o Althusser. Mas, para os estudantes franceses não era o Althusser a figura, ao contrário, as estruturas não vão às ruas! A figura é o Sartre. Bom, então acho que se você quiser pensar o impacto de 68 nas ciências sociais, primeiro temos figuras fundamentais que têm a ver com o Freud, com a leitura que o Marcuse faz do Freud. Eu conheci o Freud através do Marcuse. Naquele momento, para mim, aquilo resolvia tudo. Era uma integração entre a causa revolucionária, o marxismo, a necessidade da revolução do sistema social e, ao mesmo tempo, com a incorporação do Freud, do mal-estar gerado pela sociedade repressiva. Acho que indiscutivelmente um dos autores fundamentais é o Marcuse e as correntes teóricas próximas ao marxismo e à psicanálise.

No Brasil, passado 68, o que sucede nos anos seguintes? Fomos massacrados, na guerrilha nós perdemos a guerra. Como é que essa energia revolucionária retorna? É um processo de autocrítica, de discussão, mas é fundamental. E aí há um traço em comum com o resto da América Latina, porque temos que pensar o seguinte: quando o Brasil foi o primeiro, em 64, já em 68, 69, 70, 73 e 74 o movimento estava esmagado. Continua a repressão, aí até se você reparar bem os mortos, foram mortes mais ligadas ao sindicalismo, ao PCB. Você examina, por exemplo, em 1974, a morte do Manoel Fiel Filho, que era um operário, e a do jornalista Vladimir Herzog, é o momento em que a repressão já tinha acabado com a esquerda radical e, para justificar seu próprio salário e manter seus privilégios, começa a criar novos bodes expiatórios. É aquela velha história: a instituição se auto-alimenta.

O que nos leva a refletir que na experiência da resistência armada e do terrorismo de Estado o Brasil teve um papel pioneiro. É interessante, porque se você pensar em termos quantitativos, nossos mortos, cerca de 400 num país de mais de 100 milhões não representam grandes contingentes. Pense no Chile que teve 3 mil mortos e é um país pequeno. Pense na Argentina: 30 mil mortos. Aí a quantidade também muda a qualidade. A nossa especificidade é que fomos pioneiros, a esquerda armada brasileira foi pioneira. O primeiro seqüestro do embaixador, o norte-americano em 1969, causou um espanto mundial. Quando o terrorismo de Estado se instaura no Uruguai e na Argentina, em torno de 1973, a esquerda armada já tinha sido derrotada no Brasil.

Fomos, nessa medida, os primeiros a fazer a autocrítica da experiência armada. E qual é o espaço político de reconversão e de reorganização? É o Chile. Especialmente depois da eleição de Salvador Allende. Por quê? Nós já tínhamos feito a crítica ao vanguardismo, à luta armada, à idéia de que a vanguarda vai à frente e o resto a acompanha. Tudo isso já tinha sido mais ou menos superado. Nós tínhamos tido ganhos para a democracia. Por isso não faz sentido o Daniel Aarão dizer que a esquerda não era democrática porque era socialista. Porque a gente queria uma democracia radical, por assim dizer, mas não que a gente preferisse uma ditadura absurda a uma democracia liberal. É óbvio que preferimos uma democracia liberal. Então porque a gente não tinha um programa democrático liberal, não quer dizer que fossemos contra a democracia. Ninguém pensou em luta armada antes do golpe militar de 64. Porque ele insiste muito nisso: “essa descoberta da democracia é muito recente”. De fato, a gente lutava por socialismo, e eu continuo lutando por socialismo, mas acho que a melhor forma de chegar ao socialismo é a democracia, não tem outra, não vejo outro caminho.

A história do Chile foi um grande experimento, foi um grande encontro, como um momento de reflexão. Por isso foi tão duro o golpe de estado de Pinochet porque aí nós ficamos sem saída. Não só saída física, para onde é que você vai? Eu tentei passar na Argentina e estava uma barra pesada, Brasil não dava, eu voltei para França como muita gente. Então aí na França, além dos brasileiros, que eram a tradicional presença, começaram a chegar chilenos, aí vieram todos.

Meu exílio, por exemplo, praticamente termina em 75. Quando eu volto para o Brasil, já era possível regressar. A Argentina e o Chile estavam no auge da repressão, então houve um descompasso temporal. Mas, nós fomos, um pouco assim, o pequeno modelo brasileiro. Tudo o que aconteceu depois lá tem o modelo daqui. É o modelo da tortura. Tanto é que os que foram para o Chile, foram torturados e interrogados lá por brasileiros. Aqui no Brasil, você tem a fase “morreu em combate”, tem a fase do “atropelado ou se suicidou”, e tem a fase do “não existiu”, do “não sei quem é”. Desapareceu. É o que na psicanálise a gente dizia “matar a morte”.

A tortura, a intimidação, todas essas coisas aconteceram com as mulheres também. Isso aí é uma mudança, porque as mulheres também participaram. Essa chegada das mulheres dá uma chutada no machismo reinante. É como se as mulheres tivessem entrado pelo lado mais radical, aí tem a experiência do cotidiano, do machismo dentro de casa, do trabalho doméstico. A França foi a grande

inspiração, estava no auge do movimento feminista. O que a França tinha de novo para nós era o fato de ter uma esquerda tradicional, com o Partido Comunista e o Partido Socialista dentro da legalidade. Nossos partidos comunistas nunca foram partidos de massa, daí a experiência francesa ter sido tão fundamental.

Carolina Branco: Como essa 'nova esquerda' abriu um diálogo com o estruturalismo e com a psicanálise?

Maria Lygia — Teoricamente, o melhor produto desta nova esquerda é a revista *Teoria e Prática* que começa em 1968. Pertencem a seu corpo editorial Roberto Schwartz, João Quartim de Moraes, Eder Sader, Ruy Fausto, Sérgio Ferro, entre outros. João, em resposta a um artigo do José Arthur Giannotti, faz uma defesa de Althusser e de sua leitura estruturalista da obra de Marx. Lembro-me também de ter participado de um seminário sobre Lévi-Strauss, conjuntamente com colegas pós-graduandos como Eleny Guariba (que militou na luta armada, foi presa, morta e é uma das desaparecidas políticas), Albertina Costa, Roberto Gambini, Célia Soibelman. Assim, minha primeira adesão teórica ao estruturalismo deve-se ao impacto do livro *As estruturas elementares do parentesco*. Depois, no mesmo ano, foi fundamental a leitura de Louis Althusser. Ainda tenho as anotações do curso ministrado por Ruy Fausto sobre a crítica do Althusser aos escritos do jovem Marx e a introdução à noção do “corte epistemológico”, a distinção entre os escritos de juventude e os de maturidade. Alguns anos depois, já morando na França, li esse trabalho magistral intitulado *Os Aparelhos Ideológicos do Estado*.

Portanto você tem o Lévi-Strauss, o Althusser, e é inegável que o Foucault também está presente. Li uma entrevista que ele deu falando sobre o estruturalismo, na qual ele disse: *Eu vou citar quatro pessoas: o Lacan, o Althusser, o Lévi-Strauss e eu*. Ele diz: *O que nós tínhamos em comum é que nós todos estávamos realmente preocupados com a crítica do sujeito consciente, do sujeito racional*. O Foucault deve muito ao Althusser. O Althusser foi o tutor intelectual do Foucault, as questões são muito próximas, só que o Foucault colocasse fora da teoria marxista, e o Althusser vai permanecer até o fim um marxista. Um dos seus textos mais densos foi escrito no final de sua vida, quando ele fala da necessidade de se refundar o marxismo, de abandonar todo o determinismo e aderir ao aleatório. Escapar completamente ao economicismo ortodoxo e pensar que uma nova sociedade é possível, é uma probabilidade, mas que não existe nenhum determinismo histórico, a História não tem uma finalidade.

Outra marca da nova esquerda é a o interesse pela psicanálise. A incorporação que Althusser faz da psicanálise permite a redefinição do conceito de ideologia. Quando ele fala que a ideologia é eterna, como o inconsciente, o que ele quer dizer com isso? Quer dizer que tem uma dimensão de não transparência, que é a qual nós vivemos. Ele entendeu a dimensão simbólica da sociedade. Hoje, um dos mais criativos intelectuais marxistas, como o Žižek, presta sua homenagem a Althusser, assim como Judith Butler quando analisa a questão do sujeito como “assujeitado”, como produto da interpelação, tal como foi introduzida por Althusser. Sem se falar na inesgotável riqueza dos “Aparelhos Ideológicos”: a crítica radical que Althusser faz da família e deste persistente e perigoso aparelho ideológico que é a religião e suas instituições. Aquilo é uma obra prima. E eu acho que boa parte da inspiração das questões disciplinares do Foucault vem daí. A partir destas teorias estruturalistas há uma mudança na forma de conceber o sujeito e isso se reflete nas ciências sociais. Toda essa questão atual, do chamado pós-moderno, tudo isso, na questão do sujeito, tem uma influência do Freud, porque o Althusser leu o Freud. O Lacan, o que o Lacan faz? O Lacan faz com a psicanálise aquilo que Althusser fez com Marx: uma leitura estruturalista, anti-humanista.

Renata Gonçalves: Mas houve também um distanciamento de referencial teórico desse pessoal, que era marxista, e hoje não é mais. É claro que isso não é algo só brasileiro. É um grupo muito pequeno hoje que se apresenta como marxista ou como feminista-marxista.

Maria Lygia – Acho que existem muitos marxismos e que, como comprova a enorme audiência de Žižek, para um marxismo baseado na luta de classes, na dimensão estrutural e estruturante do antagonismo de classes. O problema é que a esquerda está na defensiva, não obstante as conquistas democráticas que são muito importantes aqui na América Latina. Do meu ponto de vista o marxismo superado é aquele que nega a psicanálise e o fato que somos sujeitos do desejo. Esse foi o grande equívoco, ontológico, se você quiser. O Marx tinha uma visão por demais otimista do ser humano, achava que uma vez satisfeitas as necessidades entraríamos no reino da liberdade. Somos bem mais complexos, somos sujeitos desejantes.